

Impactos das Negociações de NAMA sobre o Setor Metalúrgico na Argentina e no Brasil

Projeto Observatório Social/LASOS/FITIM/OIT

Alexandre de Freitas Barbosa e Osvaldo Battistini

alexandre@os.org.br



Estrutura da Apresentação

- Objetivos e estrutura do projeto;
- Comércio, Desenvolvimento e Emprego: o Debate Teórico
- Negociações de Nama: evolução e situação atual;
- Impactos sobre as tarifas do setor metalúrgico em Brasil e Argentina;
- O Setor Metalúrgico no Brasil e Argentina Hoje:
Comércio , Produção e Emprego;
- Os Riscos das Negociações de NAMA;
- Dilemas para o Movimento Sindical.

Objetivos do Projeto

- Realizar síntese das negociações de NAMA, descrevendo o posicionamento do NAMA-11, e os possíveis impactos negativos oriundos da redução da TEC para os setores da indústria metal-mecânica;
- Mapear o comércio intra-industrial entre Brasil e Argentina nos setores siderúrgico, de máquinas agrícolas, eletroeletrônico, automotivo e autopeças;
- Avaliar o desempenho recente do emprego industrial em Brasil e Argentina, de forma casada com os dados de comércio exterior e produção industrial;
- Apontar o potencial de complementaridade produtiva entre os dois países nestas cadeias, de forma a alavancar o nível de emprego industrial na região, fortalecendo o Mercosul e impedindo a concessão de ofertas em NAMA;
- Discutir possíveis frentes de ação sindical.

Estrutura do Relatório Final de Pesquisa (Elaboração IOS/Lasos)

- Síntese das Negociações da OMC e os Riscos de Abertura Industrial para Brasil e Argentina
- Evolução Recente do Comércio Intra e Extra-Mercosul nos 5 sub-setores selecionados (1998 a 2006)
- Dinâmica da Produção e do Emprego nos 5 sub-setores selecionados (1998 a 2006)
 - Argentina
 - Brasil
- Impactos Negativos das Negociações de NAMA para os 5 sub-setores selecionados
- Desafios para a Ação Sindical

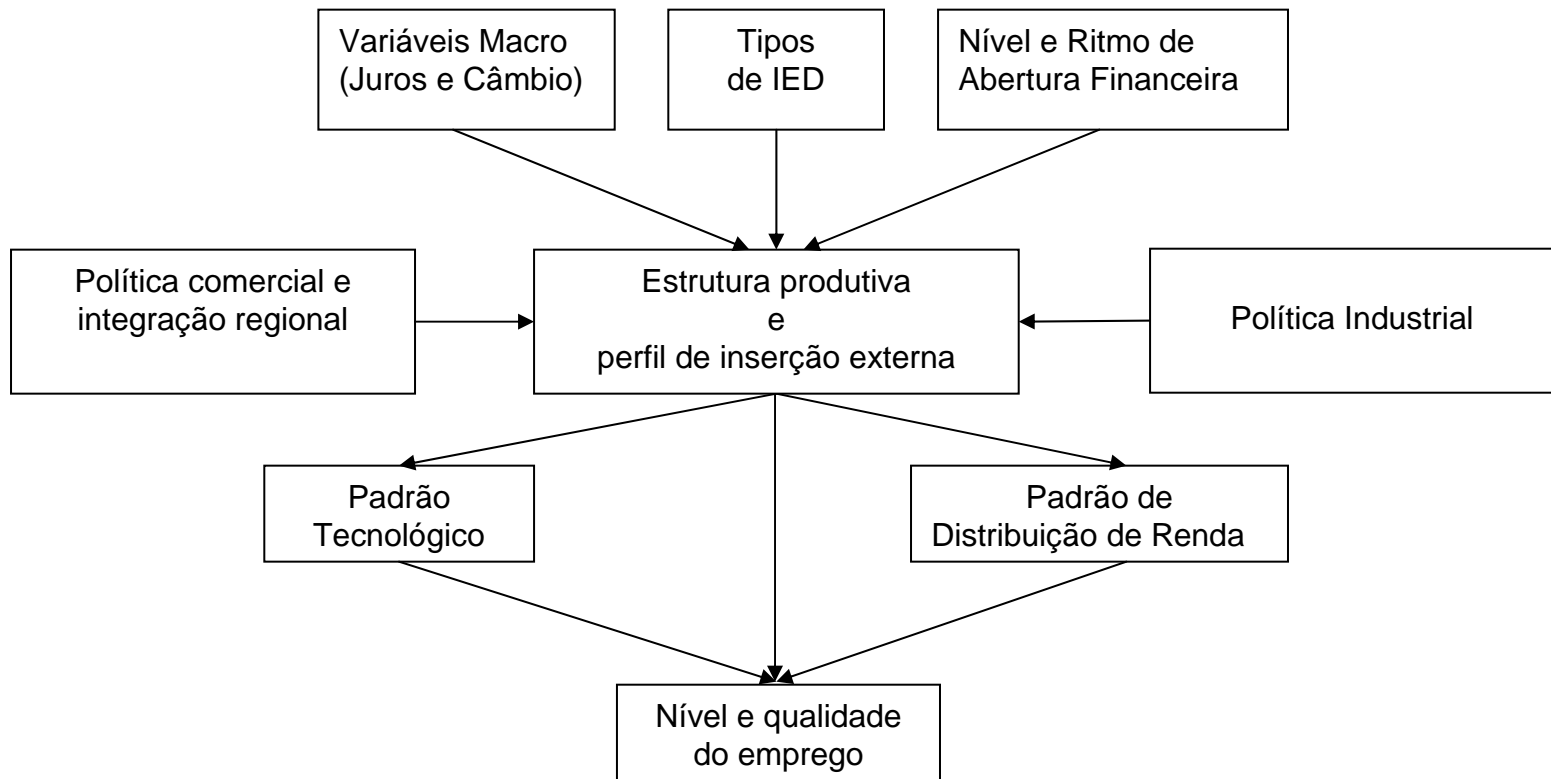
Setores e Variáveis Analisadas

- Setores:
 - Siderúrgico, máquinas agrícolas, eletroeletrônico, automotivo e autopeças
- Variáveis:
 - Comércio: exportações, importações, saldo comercial entre Brasil e Argentina e tarifas praticadas e consolidadas.
 - Produção: valor bruto da produção e valor da transformação;
 - Emprego e Salários: nível de emprego formal e salário médio;
 - Produtividade: produção física x emprego.

Comércio, Desenvolvimento e Emprego: uma Relação Complexa

- Vários fatores afetam esta relação:
 - Conjuntura macroeconômica
 - Política cambial
 - Contexto tecnológico
 - Atuação das multinacionais
 - Políticas industriais e setoriais
 - O ritmo e alcance da liberalização comercial e financeira
 - Nível e profundidade da integração regional
- O comércio pode ter impactos positivos ou negativos para o desenvolvimento e para o nível e qualidade do emprego, dependendo do comportamento das variáveis acima.

Comércio, Desenvolvimento e Emprego: Uma Relação Complexa



Síntese das Negociações de NAMA

- 2001- Início da Rodada Doha. Países desenvolvidos pressionam por maior abertura em serviços e bens industriais, mas resistem em oferecer uma redução efetiva dos níveis de proteção agrícola;
- 2004 – “Pacote de Julho”: texto com a estrutura básica das negociações de NAMA;
- Desequilíbrios: não existe tratamento especial e diferenciado, quando se compara as negociações de agricultura e NAMA e intra-NAMA.
- Surgimento do G-20 (2003) e do NAMA-11 (2005), este composto de África do Sul, Argentina, Brasil, Egito, Filipinas, Índia, Indonésia, Namíbia, Tunísia e Venezuela.
- Gesta-se um novo bloco de poder dos países do Sul, ainda que com alguns interesses divergentes entre si. Os países desenvolvidos querem dividir este grupo.

Síntese das Negociações de NAMA

- Proposta atual:

- Fórmula: $t_1 = \frac{A \times t_0}{A + t_0}$; Onde t_0 , é a tarifa consolidada do país, A um coeficiente a ser negociado e t_1 a tarifa final consolidada;

Países	Coeficientes:	Flexibilidades:
Em desenvolvimento	Entre 19 e 21	Permite aplicar cortes de pelo menos metade dos previstos pela fórmula para entre 12 e 14% de suas linhas tarifárias industriais desde que não excedam entre 12 e 19% do valor das importações; ou então isentar de cortes entre 6 e 7% das linhas tarifárias, desde que não excedam de 6 a 9% do valor das importações;
	Entre 21 e 23	Permite proteger 10% das suas linhas tarifárias, aplicando apenas metade dos cortes propostos pela fórmula geral, ou isentar 5% de qualquer redução;
	Entre 23 e 26	Não permite flexibilidades
Desenvolvidos	Entre 7 e 9	Sem flexibilidades

Média das Tarifas aplicadas e consolidadas para os cinco setores analisados

Brasil

Setor	Tarifa Consolidada	Tarifa Aplicada	Nova Tarifa Consolidada		
			19	23	35
Eletrônicos	32,1	13,1	11,8	13,3	16,6
Automóveis	34,6	32,9	12,3	13,8	17,4
Autopeças	30,4	16,7	11,7	13,0	16,2
Máquinas Agrícolas	34,3	13,4	12,2	13,7	17,3
Siderurgia	34,2	13,2	12,2	13,7	17,3

Obs1: Foram comparadas apenas as aplicadas que tinham tarifas consolidadas correspondentes.

Obs2: os números em vermelho indicam queda efetiva das tarifas médias aplicadas.

Fonte: OMC. Elaboração: IOS

Argentina

Setor	Tarifa Consolidada	Tarifa Aplicada	Nova Tarifa Consolidada		
			19	23	35
Eletrônicos	34,9	11,4	12,3	13,9	17,5
Automóveis	35,0	30,3	12,3	13,9	17,5
Autopeças	35,0	15,7	12,3	13,9	17,5
Máquinas Agrícolas	33,4	5,2	11,9	13,3	16,8
Siderurgia	35,0	12,7	12,3	13,9	17,5

Obs.: Foram comparadas apenas as aplicadas que tinham tarifas consolidadas correspondentes.

Fonte: OMC. Elaboração: IOS

Porcentagem da Nova Tarifa Consolidada dividida pela que é Atualmente cobrada

Brasil

Setor	Atual Tarifa Consolidada	TEC	% da nova Tarifa Consolidada dividida pela que Atualmente é Cobrada		
			19	23	35
Eletrônicos	32,0	13,0	-9,9	1,1	26,4
Automóveis	35,0	32,0	-62,8	-58,0	-47,2
Autopeças	31,0	14,0	-30,2	-21,9	-2,9
Máquinas Agrícolas	35,0	13,0	-8,5	3,0	29,5
Siderurgia	35,0	13,0	-7,5	4,2	31,0

Obs.: Foram comparadas apenas as aplicadas que tinham tarifas consolidadas correspondentes.

Fonte: OMC. Elaboração: IOS

Argentina

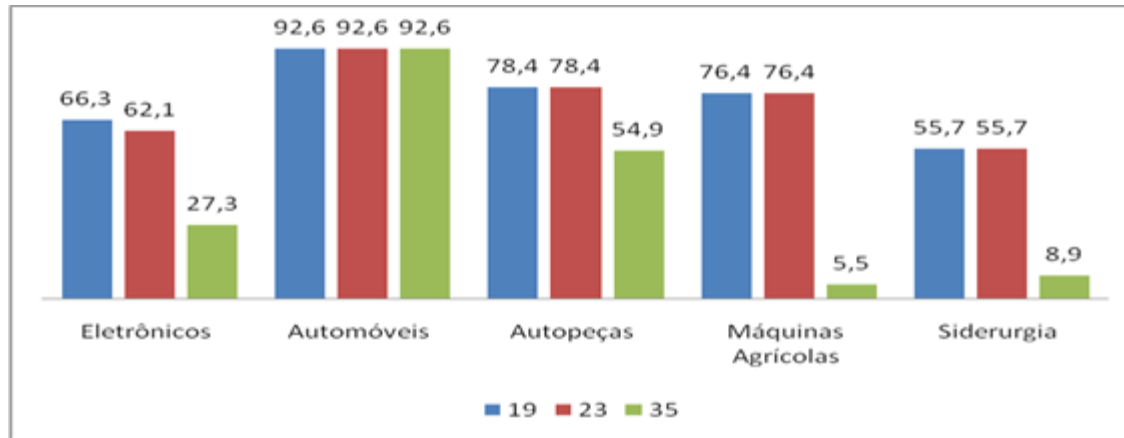
Setor	Atual Tarifa Consolidada	Tarifa Aplicada	% da nova Tarifa Consolidada dividida pela que Atualmente é Cobrada		
			19	23	35
Eletrônicos	34,9	11,4	7,9	21,5	53,2
Automóveis	35,0	30,3	-59,4	-54,2	-42,2
Autopeças	35,0	15,7	-21,8	-11,8	11,2
Máquinas Agrícolas	33,4	5,2	129,3	158,1	224,6
Siderurgia	35,0	12,7	-3,3	8,9	37,4

Obs.: Foram comparadas apenas as aplicadas que tinham tarifas consolidadas correspondentes.

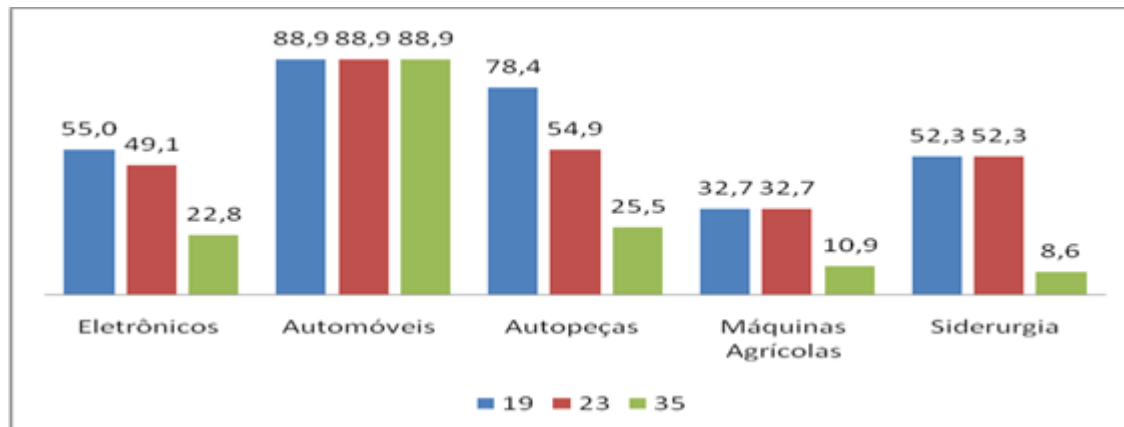
Fonte: OMC. Elaboração: IOS

Porcentagem de produtos em que a tarifa aplicada sofre perfuração

Brasil



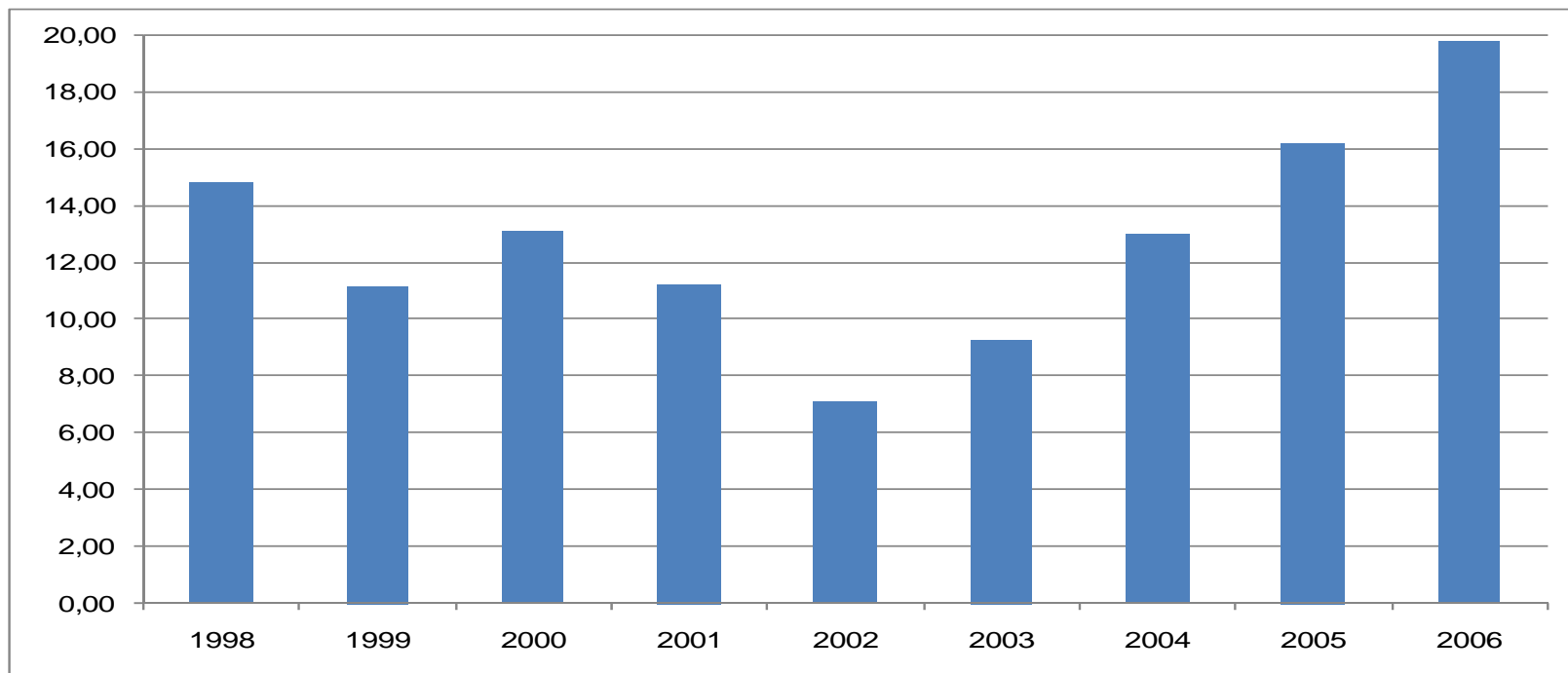
Argentina



Síntese NAMA

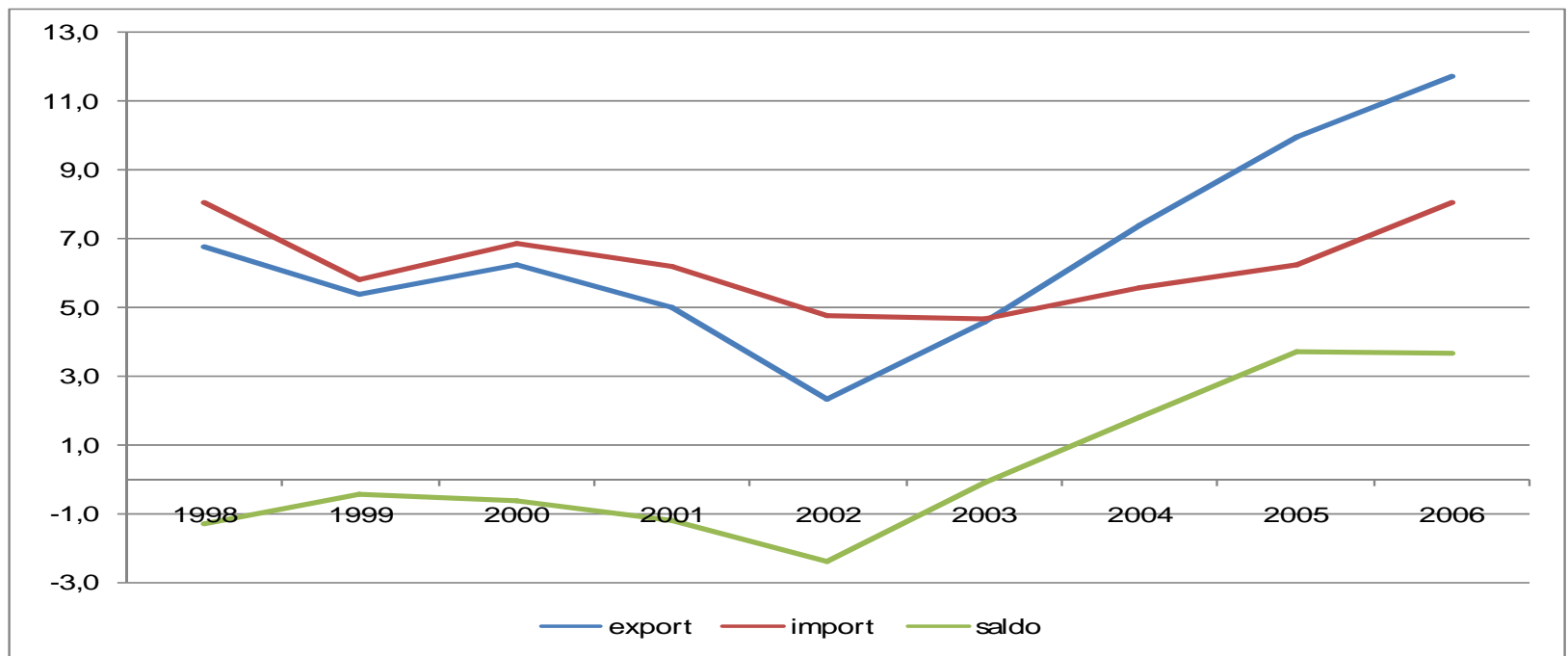
- Com os coeficientes 19 e 23 segundo a fórmula suíça, a maioria dos setores apresenta queda real das tarifas (as consolidadas descem abaixo das praticadas)
- No setor automotivo esta queda real é de cerca de 60% das tarifas consolidadas para a média do setor.
- Naqueles onde não há queda real, a diferença entre a nova consolidada e a real cai bastante, reduzindo o espaço para elevação de tarifas (geralmente não mais que 2 pontos percentuais);
- Com estes coeficientes, em média pelos menos 50% das linhas tarifárias destes setores sofrem perfurações;
- Apenas o coeficiente 35 oferece alguma margem de manobra para proteção destes setores;

Corrente de Comércio entre Brasil e Argentina – 1998 a 2006 (US\$ bilhões)



Fonte: Aliceweb/MDIC. Elaboração: IOS.

Exportações, Importações e Saldo Comercial Brasileiro com a Argentina – 1998 a 2006 (em US\$ bilhões)



Fonte: Aliceweb/MDIC. Elaboração: IOS.

Saldo Comercial por Setores

2003	Agricultura	Indústria	Mineração	Combustíveis	Total
Exportação	324.461.841	4.072.765.088	152.033.452	20.507.273	4.569.767.654
Importação	1.495.173.811	2.295.792.470	26.075.064	855.569.178	4.672.610.523
Saldo	-1.170.711.970	1.776.972.618	125.958.388	-835.061.905	-102.842.869

2006	Agricultura	Indústria	Mineração	Combustíveis	Total
Exportação	381.405.478	10.611.823.372	367.962.004	378.401.085	11.739.591.939
Importação	1.935.607.072	4.671.629.574	136.969.426	1.309.056.575	8.053.262.647
Saldo	-1.554.201.594	5.940.193.798	230.992.578	-930.655.490	3.686.329.292

Fonte: Aliceweb/MDIC. Elaboração: IOS.

Setor Eletroeletrônico

Eletroeletrônicos	1998-2006	2002-2006
Exportação	245%	1048%
Importação	52%	377%
Saldo	771%	3348%
Corrente de Comércio	163%	756%

Existe um desbalanceamento que favorece as exportações brasileiras, mas as exportações argentinas também crescem. Além disso, a China já se destaca como fornecedor importante de eletroeletrônicos nos dois países do Mercosul.

Fonte: Aliceweb/MDIC. Elaboração: IOS.

Parceiros Argentina (2006)	%
Brazil	27,3
China	16,9
Mexico	11,5
USA	6,1
Germany	4,2
Other partners	30,6
Total	100,0

Fonte: Comtrade.

Parceiros Brasil (2006)	%
China	24,0
Rep. of Korea	13,1
USA	11,1
Other Asia, nes	6,7
Singapore	6,3
Argentina	3,41
Other partners	35,5
total	100,0

Fonte: Comtrade.

Setor Automotivo e Autopeças

Automotivo	1998-2006	2002-2006
Exportação	76%	1214%
Importação	-36%	144%
Saldo	-156%*	-240%*
Corrente de Comércio	2%	367%

Auto peças	1998-2006	2002-2006
Exportação	46%	491%
Importação	67%	154%
Saldo	30%	2852%*
Corrente de Comércio	52%	314%

Fonte: Aliceweb/MDIC. Elaboração: IOS.

*A variação foi positiva.

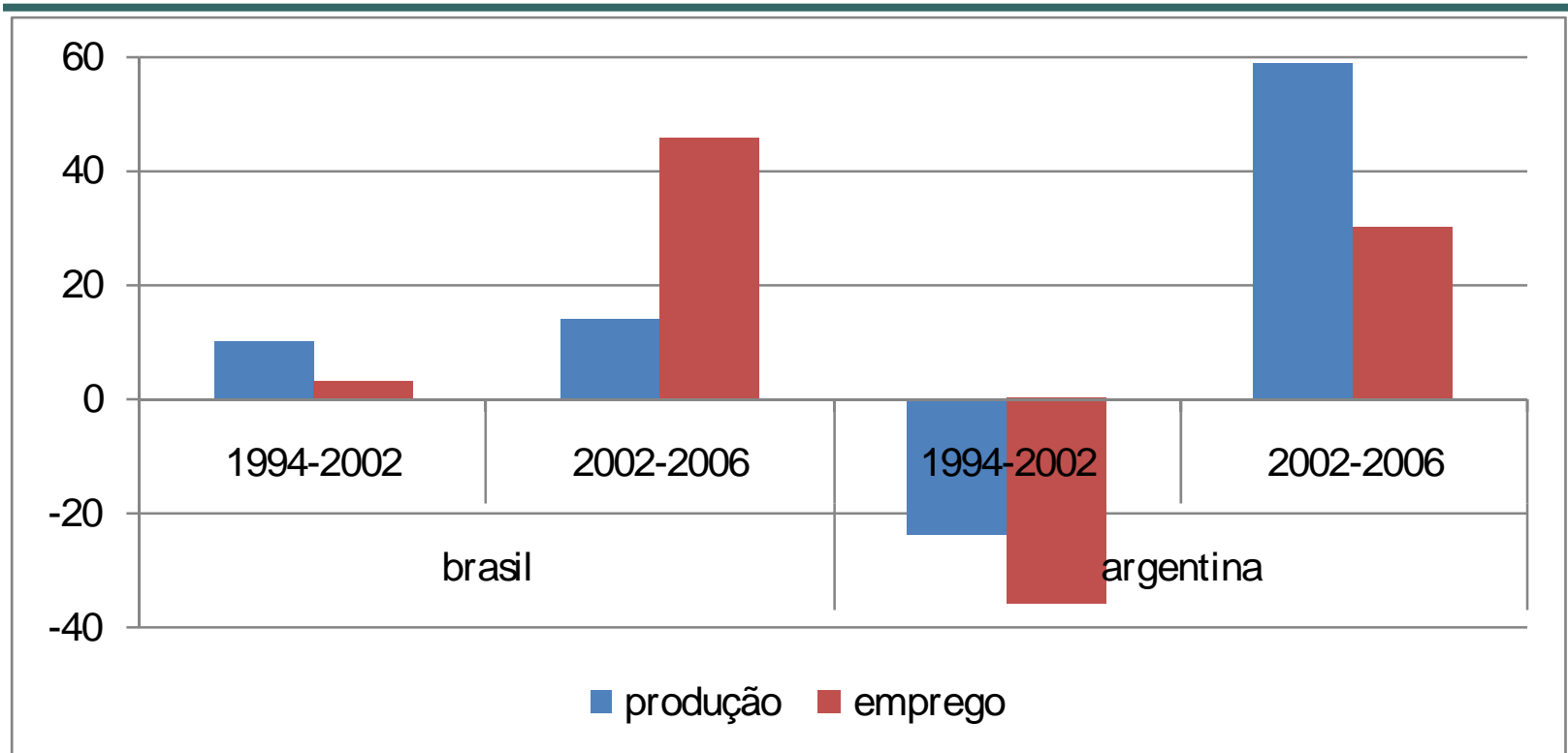
Parceiros Argentina (2006)	%
Brazil	66,8
Germany	5,3
Mexico	4,2
Japan	4,0
Other partners	19,7
Total	100

Parceiros Brasil (2006)	%
Argentina	36,2
Germany	14,2
Japan	9,4
USA	8,7
Mexico	6,8
Other partners	24,7
Total	100,0

Fonte: Comtrade.

Neste setor o comércio intra-Mercosul apresenta níveis maiores de participação para ambos os países, mesmo que o Brasil tenha passado a assumir saldos superavitários. Observa-se também que existe espaço para uma maior complementaridade num momento em que os mercados internos estão se expandido rapidamente.

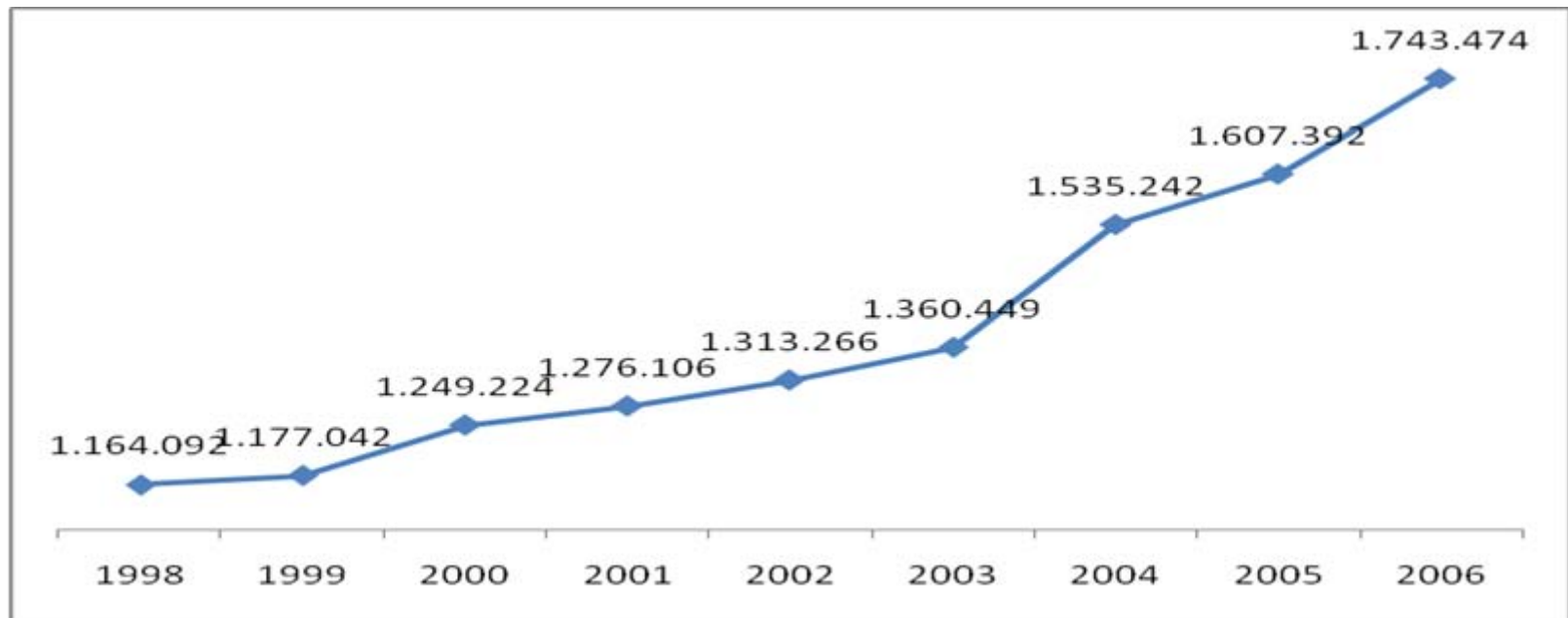
Produção Física e Emprego Industrial para o Brasil* e Argentina – Variação Por Período (1994-2002 e 2002 a 2006)



Fonte: INDEC e IBGE.. Elaboração: IOS.

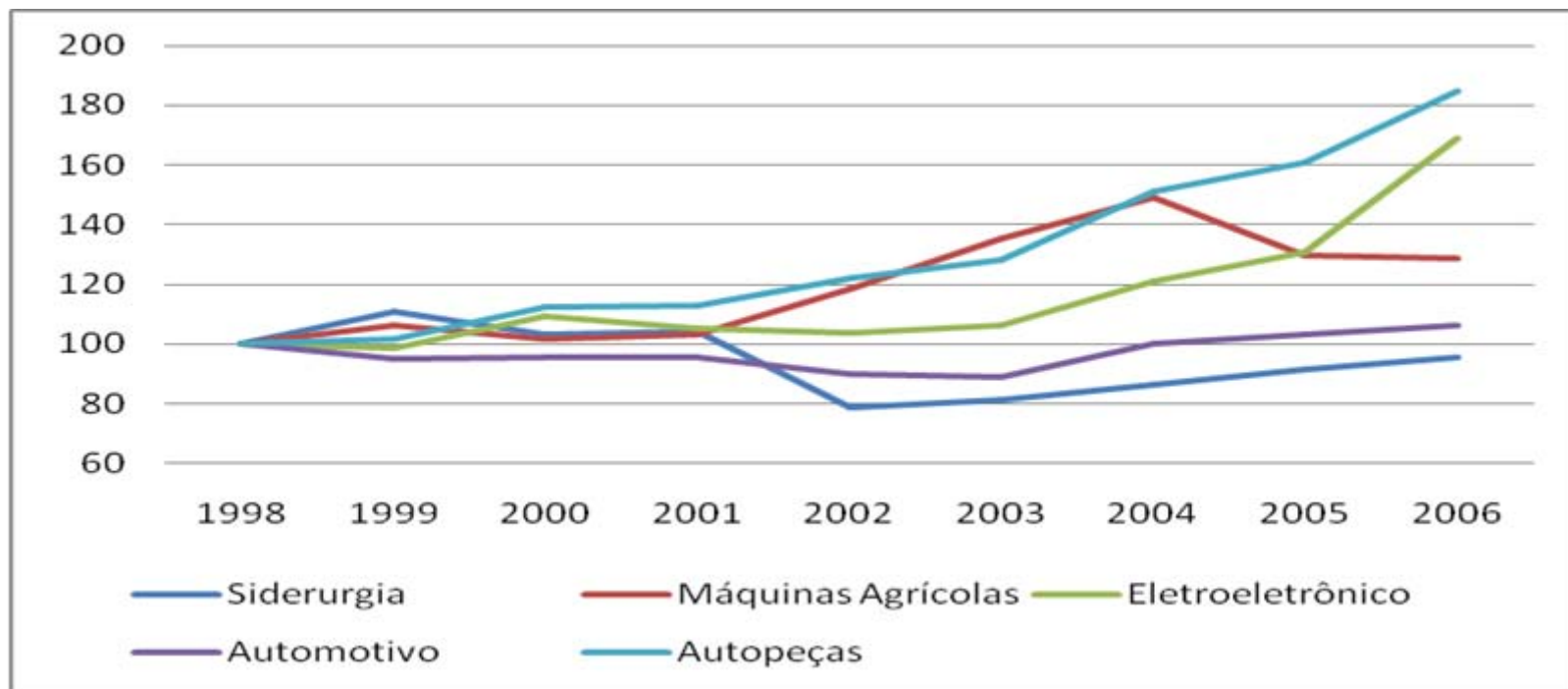
* os dados para o Brasil no período 2002-2006 apontam um crescimento bem mais forte do emprego, com relação à produção, o que se explica pela mudança da Classificação Nacional das Atividades Econômicas (CNAE/IBGE) no período, que ampliou as atividades inseridas como industriais, superestimando o crescimento do emprego neste setor.

Evolução do Número de Empregados na Indústria Metal-mecânica de 1998 a 2006 (Brasil)



Fonte: RAIS/MTE. Elaboração: IOS.

Evolução do Emprego por setor no Brasil (1998=100)



Fonte: RAIS/MTE. Elaboração: IOS.

Índices Gerais da Indústria Manufatureira na Argentina (1998-2006) (base1997=100)

Índice Total do Volume Físico de Produção

1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
99,6	89,2	87,8	77,7	70,2	82,4	93,9	102,6	111,6

Fuente: Elaboración propia en base a datos INDEC; Encuesta industrial mensual

Índice de Trabajadores Ocupados

1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
97,0	88,5	82,1	76,7	69,7	73,3	80,5	85,0	90,4

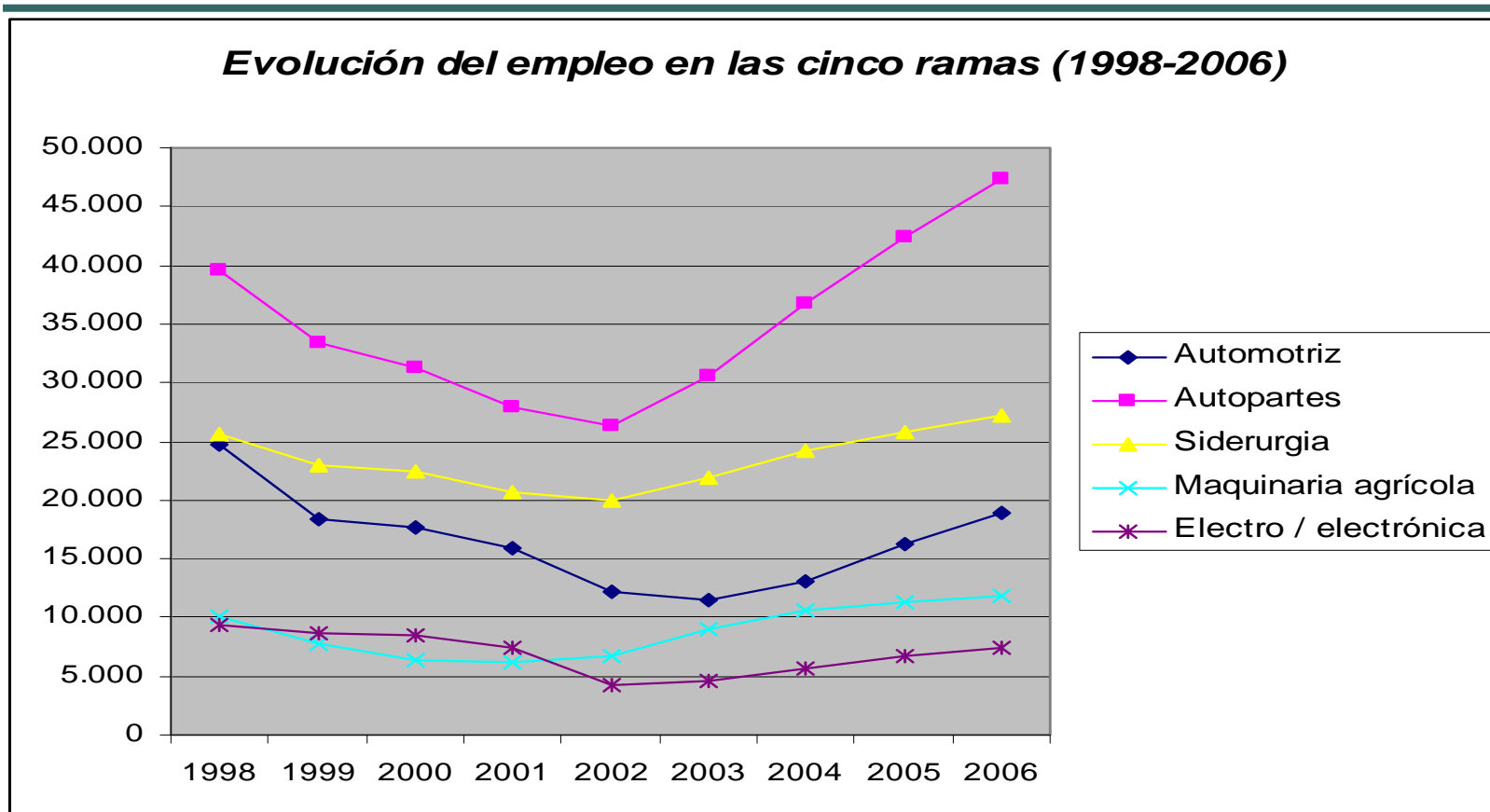
Fuente: Elaboración propia en base a datos INDEC; Encuesta industrial mensual

Índice de Salário

1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006
101,8	100,8	99,9	67,9	71,8	86,0	95,3	108,0

Fuente: Elaboración propia en base a datos INDEC; Encuesta industrial mensual

Evolução do Emprego por setor na Argentina



Fuente: Elaboración propia en base a datos del Sistema Integrado de Jubilaciones y Pensiones (SIJIP).

Análise Comparativa da produção e do Emprego – Brasil e Argentina

Setor Siderúrgico

	Brasil em %			Argentina em %		
	1998-2002	2002-2005	1998-2005	1998-2002	2002-2005	1998-2005
Emprego	8,5	-13,0	-5,6	-21,6	28,8	1,0
Produção	81,1	37,8	149,6	-2,9	24,9	21,3
Remunerações	-6,1	23,1	15,6	-16,6	24,4	3,7
Produtividade	66,4	58,3	163,5	-4,1	14,6	9,8

Setor de Máquinas Agrícolas

	Brasil em %			Argentina em %		
	1998-2002	2002-2005	1998-2005	1998-2002	2002-2005	1998-2005
Emprego	7,7	14,7	23,5	-34,5	70,4	11,6
Produção	52,8	0,5	53,6	-36,1	14,0	-27,2
Remunerações	-13,7	10,8	-4,4	-27,9	64,7	18,7
Produtividade	42,6	-12,4	25,0	-2,3	-33,3	-34,9

Setor de Eletroeletrônico

	Brasil em %			Argentina em %		
	1998-2002	2002-2005	1998-2005	1998-2002	2002-2005	1998-2005
Emprego	2,8	14,8	18,0	-54,3	57,3	-28,2
Produção	19,8	-3,1	16,2	-51,7	143,3	17,6
Remunerações	-13,5	-1,7	-15,1	-34,5	28,9	-15,5
Produtividade	17,4	-15,7	-1,1	5,7	54,7	63,8

Análise Comparativa da produção e do Emprego – Brasil e Argentina

Setor Automotivo

	Brasil em %			Argentina em %		
	1998-2002	2002-2005	1998-2005	1998-2002	2002-2005	1998-2005
Emprego	3,9	12,7	17,0	-50,9	34,2	-34,1
Produção	14,6	28,0	46,8	-65,2	100,6	-30,2
Remunerações	-12,2	-2,2	-14,1	-9,9	27,4	14,8
Produtividade	10,2	13,7	25,3	-52,2	191,2	39,2

Setor de Autopeças

	Brasil em %			Argentina em %		
	1998-2002	2002-2005	1998-2005	1998-2002	2002-2005	1998-2005
Emprego	14,6	38,8	59,0	-33,3	60,3	6,9
Produção	25,1	47,9	85,0	-10,9	43,9	28,3
Remunerações	-17,9	8,6	-10,9	-26,0	38,8	2,7
Produtividade	8,8	6,8	16,2	33,6	-10,2	20,0

Síntese Produção-Emprego

- O incremento da produção não tem sido acompanhado no mesmo ritmo pelo emprego e nem as remunerações conseguem “colar” nos ganhos de produtividade, com a exceção de alguns poucos casos;
- Exemplos típicos são o setor eletroeletrônico na Argentina, o siderúrgico no Brasil e o de autopeças e automotivo nos dois países;
- A dinâmica comercial positiva do Mercosul é insuficiente para trazer resultados positivos duradouros para o nível e a qualidade do emprego nos dois países.

Quadro Comparativo entre 2002 e 2005: Comércio intra-Mercosul, Produção e Emprego

Brasil

Setores	Comércio intra-Mercosul	Produção	Emprego
Siderurgia	↑	↑	↓
Máquinas Agrícolas	↑	≈	↑
Eletroeletrônico	↑	↓	↑
Automotivo	↑	↑	↑
Autopeças	↑	↑	↑

Argentina

Setores	Comércio intra-Mercosul	Produção	Emprego
Siderurgia	↑	↑	↑
Máquinas Agrícolas	↓	↑	↑
Eletroeletrônico	↑	↑	↑
Automotivo	↑	↑	↑
Autopeças	↑	↑	↑

Impactos Negativos de NAMA

- enfraquecimento da relação positiva entre crescimento econômico e comércio regional;
- desvio de comércio para fora da região, tendendo a beneficiar os países desenvolvidos e, particularmente, a China;
- para além da queda das tarifas praticadas, a redução das tarifas consolidadas geraria uma redução brusca da margem de manobra para a elaboração de políticas de complementação industrial no âmbito do Mercosul;
- estes fatores tendem a exercer um papel amortecedor sobre a dinâmica da produção e do emprego industriais;
- dependendo do impacto em termos de decisões de investimento e de níveis de competitividade, há o risco de elevação da informalidade/terceirização, bem como de uma defasagem ainda maior entre salários e produtividade.

Possíveis Frentes de Ação Sindical

- Pressão junto aos governos de Brasil e Argentina para não “entregarem os pontos” nas negociações de NAMA;
- Atuação mais presente no âmbito da CSI e da FITIM, já que os metalúrgicos destes países estão entre aqueles que tendem a sofrer a maior perda de empregos ,caso não se altere a dinâmica das negociações;
- Discussão no âmbito da CCSCS de iniciativas de complementação industrial para as várias cadeias do setor metalúrgico;
- Negociação de acordos coletivos por empresa e setor, com discussão de níveis salariais e condições de trabalho.